



O Jornal dos Laboratórios de Desenvolvimento Infantil e Desenvolvimento Humano da UFV

UMA PALAVRA AOS PAIS E MÃES

Impressionista

(Adélia Prado)

*Uma ocasião,
Meu pai pintou a casa toda
De alaranjado brilhante.
Por muito tempo moramos numa casa,
Como ele mesmo dizia,
Constantemente amanhecendo.*

Chegamos ao segundo número da edição especial de nosso Jornal Falando de Criança. E antes de continuar falando sobre desenvolvimento e aprendizagem do bebê e da criança pequena gostaria de falar sobre a imaginação, de crianças e de adultos.

Temos na literatura, na música, no cinema e na poesia vários exemplos de como podemos vivenciar situações complexas com um olhar não tão “duro” como a realidade se impõe. Essa poesia de Adélia Prado mostra como o simbolismo, que se expressa por meio da imaginação, pode nos remeter a outras formas de interpretar o mundo concreto. A imaginação é uma ferramenta que possibilita viver com criatividade, e não só com a realidade do mundo. E as crianças quase que nos obrigam a usar a imaginação, todos os dias.

Ao falar da imaginação, lembro especialmente do filme italiano “A Vida é Bela”, em que um judeu é levado para um campo de concentração nazista junto com seu filho pequeno. Diante de uma situação terrível, o pai usa a imaginação para fazer o filho acreditar que estão participando de uma brincadeira, com o objetivo de protegê-lo do terror e da violência em que estão imersos. Isso tem um nome: cuidado.

A imaginação não é fuga ou deixar de ver a realidade. É uma forma de enfrentar uma situação difícil sem perder a beleza da vida. Quando nascemos somos puramente sentimento e mostramos pelo choro a insatisfação, e os pais buscam interpretar o que o bebê sente ou deseja. À medida que crescemos vamos construindo uma forma de expressar nossos desejos e frustrações, na tentativa de compreender o mundo e se fazer entender, mesmo que nem sempre saibamos o motivo de uma tristeza ou do choro. Vamos então sendo regradados nas normas sociais de polidez e aprendemos a nem sempre expressar o que sentimos. E também vamos sendo limitados em nossa imaginação impelidos a nos adaptar ao mundo real. Mas isso não é bom? Considero que seja necessário, mas não o tempo todo, pois não podemos perder a capacidade de imaginar e criar, pois é isso que nos torna diferentes uns dos outros.

Nesse momento acredito que pais e mães estejam se desdobrando para proteger seus filhos e filhas, não só do vírus, através de ações de higiene e explicações sobre o motivo de não estarem indo para escola, de encontrar amigos e parentes.

Mas também estão cuidando para que vivenciem essa experiência com alegria. E para isso tenho certeza de que estão recorrendo à imaginação, buscando apresentar às crianças uma série de possibilidades apesar de todas as limitações que são necessárias.



Fotos: Acervo dos Laboratórios.

Ao estarem muito mais tempo com as crianças, elas com certeza estão fazendo pais e mães usarem a imaginação e, com isso, propiciando não só a elas, mas também aos adultos, viverem uma experiência não planejada, mas uma oportunidade ímpar de partilharem um mundo bem mais belo do que a realidade que estamos vivendo.

Por isso, entrem no mundo da imaginação com seus filhos e filhas e aproveitem para vivenciarem esse mundo tão encantador e necessário às crianças. Até a próxima edição!



Profª Maria de Lourdes Mattos Barreto

Doutora em Educação
Coordenadora Geral do LDI e LDH
EIN/DED/CCH/UFV
E-mail: mmattos@ufv.br

VIDA COLETIVA: O DIÁLOGO, A ESCUTA E A PARTILHA

Laisa Medina Silva
Coordenadora Pedagógica do LDI/DED/UFV
E-mail: laisa.silva@ufv.br

A vida coletiva faz parte do nosso cotidiano educacional, mesmo em tempo de isolamento social. O diálogo, escuta e partilha ganharam ainda mais força entre os atores da escola - gestores, pais, docentes e crianças - para que juntos possamos estreitar os vínculos e construirmos uma rede colaborativa no atual cenário de pandemia. É nessa rede de colaboração e diálogo, que vamos nos apoiando mutuamente e percebendo cada necessidade, valorizando os saberes construídos no território de cada casa.

O diálogo não é uma situação na qual podemos fazer tudo o que queremos. Isto é, ele tem limites e contradições que condicionam o que podemos fazer [...] para alcançar os objetivos de transformação. O diálogo implica em responsabilidade, direcionamento, determinação, disciplina, objetivos. (FREIRE; SHOR, 1987, p. 127).

Refletindo sobre a importância do diálogo, foram realizados encontros online com a equipe coordenadora dos Laboratórios, bem como com a equipe de docentes, sendo pautado o anseio de estreitarmos ainda mais a relação família-escola, entendendo que estamos vivendo desafios em vários aspectos nesse tempo de isolamento social. Desses encontros, tivemos enquanto resultado a proposta de apoio às famílias e crianças atendidas pelos Laboratórios de Desenvolvimento Infantil e Desenvolvimento Humano durante a pandemia da COVID - 19.

Fotos: Arquivo dos Laboratórios.



Participação das famílias em atividades no LDI.



Crianças da sala 2 tarde (2019) visitando a casa do Davi e conhecendo o seu quintal.

Nessa rede de interação e diálogo entre os atores da escola, almejamos manter o vínculo com as crianças, famílias e equipe do LDI e LDH usando diferentes linguagens, como: vídeos, áudios, desenhos, sugestões de atividades e brincadeiras, encontros realizados pelo Projeto de Extensão Diálogos, dentre outros, visando garantir que o desenvolvimento integral das crianças seja assegurado, bem como o bem estar das mesmas.

Assim, seguimos confiantes de que muito em breve nos encontraremos. Enquanto esse dia não chega, vamos compartilhando as experiências vivenciadas pelas famílias e crianças que têm muito a nos contar. Por meio do diálogo e da escuta, vamos nos tornando seres humanos mais sensíveis entendendo que o diálogo não é só de palavras. Por meio das memórias afetivas podemos rememorar o que dá sentido às nossas vidas, que são as crianças.

Fraterno abraço e até o próximo Jornal Falando de Criança!

Referências:

- FREIRE, P.; SHOR, I. Medo e ousadia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

ENTRE BICHOS, PLANTAS E GAROAS

Kamilla Oliveira Botelho
Técnica em Assuntos Educacionais EIN/DED/UFV
Email: kamilla.oliveira@ufv.br

Caras famílias do LDI e LDH, inicio este texto com um pedido. Peço que liste, mentalmente ou escreva em um papel, elementos que constituem o meio ambiente.

Vou te dar um tempinho... tic tac...tic tac...

Pronto. Agora me conte. Na lista que você fez consta o ser humano? Se sim, em qual posição ou quanto tempo durou, para você acrescentar nesta lista o elemento pessoas? Em documentos como a Política Nacional do Meio Ambiente (BRASIL, 1981) e o Sistema de Gestão Ambiental (ABNT NBR ISO 14000, 2004), a definição de meio ambiente inclui condições e influências que permitem, abrigam e regem todas as formas de vida, um local onde há, por exemplo a flora, a fauna, o ar, a água, os seres humanos.

Assim, nós, as pessoas, não estamos desconectados do meio ambiente, nós fazemos parte e estamos em interação com ele. Como bem colocado por Ailton Krenak, em seu texto "O amanhã não está à venda", a humanidade não está separada do planeta Terra.

Nós, então, partilhamos este planeta com outras espécies, formas de vida, fenômenos. O quão próximos estamos deles? O quanto os percebemos e compreendemos? Nós os estamos captando ou capturando?

Neste sentido, a experiência de observar os animais, plantas e fenômenos da natureza pode ser muito enriquecedora, nos distraindo e servindo de fonte de aprendizado. Podemos observar alguns destes elementos de longe e também de perto. Por isso, gostaria de propor uma atividade para vocês, que pode envolver todos os membros da família: a observação de um elemento do meio ambiente que está próximo a você. Pode ser o crescimento de uma planta, o comportamento de um animal de estimação, a atividade da chuva, as características do ambiente do lado de fora da janela, sabores e origens de diferentes alimentos. Para isso, vocês podem utilizar os seus sentidos: o que veem, ouvem, saboreiam, cheiram, sentem? Deixo algumas indagações que podem guiar as observações:

Sobre minha planta: Quais suas cores, texturas e cheiros? Quais cuidados posso ter para que cresça? Como é o ritmo deste crescimento?

Sobre meu animal de estimação: Quais suas cores, texturas e cheiros? Quais comportamentos apresenta de manhã, à tarde e à noite? Quais atividades lhe agradam ou desagradam?

Sobre a chuva: Qual a frequência e intensidade? Vem acompanhada de outros fenômenos?

Sobre a vizinhança: O que consigo ver a partir da janela? Que sons produzidos fora da minha casa consigo ouvir? Os elementos que vejo e ouço são feitos pela natureza ou pelo ser humano?

Sobre o que como: Quais sabores, cores, texturas e cheiros dos alimentos que como? De onde vêm?

Fiquem à vontade para aprimorar e modificar tais questionamentos, contemplar outros componentes do nosso meio ambiente, registrar por meio de desenho, fotos, escrita. Vocês podem estabelecer um prazo para as observações e, após o término, compartilhar em família as descobertas.

Referências:

- ABNT NBR ISO 14001. Sistemas da gestão ambiental: requisitos com orientações para uso. Associação Brasileira de Normas Técnicas, 2004.
- BRASIL. Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. Brasília, 1981.
- KRENAK, Ailton. O amanhã não está à venda. Companhia das Letras, 2020.



Profª Laísa Medina Silva

Educadora Infantil
Coordenadora Pedagógica do LDI
EIN/DED/CCH/UFV
E-mail: laisa.silva@ufv.br

ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL DE 0 A 02 ANOS

Cláudia Soares Monteiro da Silva
Coord. Serviço de Alimentação e Saúde LDI/LDH
Email: claudiasm@ufv.br

A amamentação exclusiva deve ocorrer até aos seis meses de idade e a partir daí, deve-se introduzir a alimentação complementar. Para uma alimentação saudável, é necessário que a alimentação seja variada com os diversos alimentos dos diferentes grupos: frutas, verduras, legumes, cereais, feijões, carnes e ovos. Esses alimentos devem ser oferecidos diariamente nas refeições, a fim de atender ao fornecimento dos nutrientes necessários ao adequado crescimento e desenvolvimento.



Fotos: Hora do Lanche no LDI (Berçário e Sala 1)
Acervo dos Laboratórios.

Um outro importante aspecto da alimentação, é a relação emocional e social com o alimento que inicia-se desde as primeiras experiências da criança com o aleitamento materno (SILVA, 2012). Vale considerar que a alimentação não envolve apenas aspectos biológicos e nutricionais, mas também aspectos emocionais, sociais e culturais. Assim sendo, é importante atentar para especificidades, tais como:

FORMA DE INTRODUIZIR:

- Mantenha horários e intervalos definidos;
- Fale com a criança sobre a refeição;
- A alimentação deve ocorrer em ambiente tranquilo e agradável, sem distrações;
- Se a criança recusar determinado alimento, ofereça-o novamente em outras refeições. Para que a criança aceite um alimento, pode ser necessário que o alimento seja oferecido à ela por várias vezes;
- Não substitua a refeição da criança por outros alimentos, pois haverá comprometimentos à qualidade da sua alimentação e logo a criança aprenderá que haverá oferta de um substituto para a alimentação recusada.

O QUE INTRODUIZIR:

- Os alimentos devem ser introduzidos de forma gradual, para que o bebê possa experimentar um alimento de cada vez, a fim de que ele possa conhecê-los separadamente e que eventuais reações de hipersensibilidade possam ser identificadas;
- As preparações devem ser simples e em pequenas quantidades, de fácil mastigação, deglutição e digestão. Inicialmente, pode-se iniciar com as frutas e legumes, posteriormente pode-se introduzir o caldo de carne, cereais, feijão e gema de ovo;
- A textura e a consistência devem aumentar gradativamente de acordo com a idade;
- A refeição (almoço ou jantar) deve conter um alimento do grupo dos cereais ou tubérculos, uma hortaliça de cada grupo, um do grupo dos alimentos de origem animal (frango, boi, ovo) e um das leguminosas (feijão, lentilha, grão de bico).

Verifique os grupos de alimentos, conforme tabela abaixo:

GRUPO A	GRUPO B	GRUPO C Tubérculos
Tomate Alface Almeirão Brócolis Couve Couve-flor Espinafre Repolho Taioba	Abóbora madura Abóbora moranga Beterraba Cenoura Chuchu Quiabo Vagem	Mandioca Batata inglesa Batata doce Batata Baroa Cará Inhame

- Com a introdução dos alimentos complementares é importante que a criança receba água nos intervalos das refeições;
- É importante restringir uso de açúcar, sal e óleo.

PORÇÕES DE ALIMENTOS:

O Ministério da Saúde (2019) faz as seguintes recomendações:

- De 06 a 01 ano - A quantidade de alimentos por refeição (almoço ou jantar) a ser oferecida, varia conforme a sua idade. Assim sendo, a partir dos 6 meses de idade deve-se iniciar com 2 a 3 colheres de sopa, aumentando gradativamente.
- De 01 a 02 anos, pode-se ter como referência, 5 a 6 colheres de sopa, podendo a consistência dos alimentos da criança ser a consistência dos alimentos da família.

Essas referências não devem ser seguidas de forma rígida, pois vai variar conforme as características individuais da criança. A melhor maneira de saber se a quantidade de alimento consumida está adequada é avaliar o crescimento da criança. Se o peso e a estatura estiverem de acordo, é sinal de que a alimentação está adequada.

NÃO OFERECER:

Alguns alimentos não devem ser oferecidos: iogurtes industrializados, "dannoninho", papinha industrializada, macarrão instantâneo, alimentos picantes, doces, sorvetes, biscoitos recheados, enlatados, embutidos, frituras, refrigerantes, sucos industrializados, balas, salgadinhos, pipoca e outras guloseimas. O mel também não é indicado pelo risco de contaminação com *Clostridium botulinum*, que causa botulismo.

REFERÊNCIAS:

- MINISTÉRIO DA SAÚDE; SECRETARIA DE ATENÇÃO PRIMÁRIA. Guia Alimentar para Crianças Brasileiras Menores de 02 anos. Brasília: Ministério da Saúde, 2019.
- SILVA, C.S.M. Interfaces do Consumo Alimentar de Crianças Atendidas em Instituições de Educação Infantil: Um estudo de caso. 2012. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2012.

CHEGA DE SAUDADE: MEMÓRIAS DA FESTA JUNINA

Priscila Daniele Ladeira
Professora e Coordenadora Pedagógica LDH

Historicamente, os festejos juninos são festas populares que marcavam a celebração da colheita realizada pelos povos agricultores. Com danças e músicas típicas, agricultoras e agricultores comemoravam os frutos dos seus árduos trabalhos. No LDI e LDH lembramos essa tradição com alegres momentos de partilha entre as crianças e famílias que se iniciam com o desenvolvimento de um projeto abordando essa temática, de maneira lúdica e significativa para as crianças.



Fotos: Momentos da Festa Junina do LDI em 2019.
Acervo dos Laboratórios.

A culminância deste trabalho acontece em um sábado letivo. Dançamos, cantamos, e nos deliciamos com as comidas típicas partilhadas pelas famílias e os caldos preparados com muito carinho pela Edivânia. Vamos lembrar alguns destes momentos! Que tal as famílias prepararem uma gostosa Festa Junina em casa e compartilhar com a gente esse momento?

LER E ESCREVER PARA ALÉM DE LETRAS E NÚMEROS: AS EXPERIÊNCIAS NECESSÁRIAS

Márcia Onísia da Silva
Docente do Curso de Educação Infantil - DED/UFV
Email: monisia@ufv.br

Quando uma criança descobre uma “escrita”, ela dá indícios de que já passou por muitas experiências anteriores. Gosto muito de trazer as memórias do nosso próprio processo de alfabetização, pois elas nos fazem refletir sobre os sentimentos pelos quais passamos e nos colocar no lugar da criança que passa por esse processo hoje. Quem nunca chorou porque não conseguia escrever a letra “h” cursiva, cheia de voltinhas delicadas, melindrosas, faceiras e difíceis de fazer? Ou na tentativa de escrever o número “2”, alguém dizia que fez um patinho ou um “5” de cabeça para baixo? Que sensação de insucesso... Quantas frustrações nos atingiram ao não conseguirmos satisfazer o desejo do adulto ou o nosso próprio desejo quando, na tentativa de escrever algo, nada estava, de fato, escrito ali? Pois bem, esse é o processo de alfabetização que nos foi imposto. Era obrigatório e urgente... havia cobranças!

Pesquisas atuais, como as realizadas por Emília Ferreiro e outros pesquisadores, já mostraram que ler e escrever são processos complexos, que envolvem a representação, a cognição, a apropriação de uma prática social e cultural e é mediado por uma rede complexa de experiências e de aquisição de habilidades fundamentais. A escrita não se inicia quando as letras ou os números tomam forma e aparência convencional numa superfície ou quando o alfabeto, decorado e sequencial é dito pela criança e escrito no caderno. Ela se inicia bem antes, quando a criança faz suas garatujas, passando para as formas, e vai delineando suas produções até atingir o desenho que já se parece muito com o real. A escrita é quando a criança, ao ver uma marca sua, deixada no papel em que desenha, pergunta: “o que eu escrevi aqui”? A leitura começa com a leitura de mundo – placas de trânsito que nos dizem o que fazer ou não; logomarcas de serviços, de lojas ou de produtos; propagandas em folhetos, folders, outdoors, painéis eletrônicos; imagens nos livros de literatura; botões de elevadores, eletrodomésticos - dentre tantas outras.

A escrita pode ser aquela “graminha” ou “serrilhadinho” que aparece nos desenhos. Para a criança já dizem algo. E quando ela escreve, do seu jeito, o seu nome, o nome dos familiares, dos amigos, muitas vezes espelhado, é um grande avanço! É uma emoção para os pais que leem, e uma conquista para a criança que escreve. Mas ela não precisa fazer isso na educação infantil (embora muitas irão). Elas precisam desenhar, pintar, colorir, riscar e rabiscar, alinhar, encaixar, empilhar, ver e participar das escritas do professor e da família, falar, ouvir, “ler” as histórias infantis e ouvi-las contadas por outras crianças e adultos. A criança que brinca na areia, se lambuza nas massinhas, tintas e colas, que corre no gramado, pedala o velotrol, ouve poesias, dramatiza, criando enredos para suas dramatizações, participa de uma atividade em que é chamada a pensar e a falar sobre os fenômenos científicos ocorridos, a refletir sobre seu próprio pensamento, está no caminho de uma alfabetização sólida, mas para além disso, está no caminho do letramento. As fases da construção da escrita se consolidam à medida em que estas experiências são possibilitadas e vivenciadas de forma intensa e ativa. Mas estes discutiremos em um próximo texto.



Fotos: Vinícius lendo para irmã, Beatriz. Acervo pessoal da família.

LEIA PARA UMA CRIANÇA

Priscilene Correia Garcia Rodrigues
Professora do LDI/DED/UFV



Muitas crianças gostam de histórias que tem lobo ou monstros, não é verdade?! Mas será que todo lobo é mau? E os monstros, existe algum legal? Para descobrir vou indicar algumas histórias divertidas, cheias de surpresas com lobos e monstros! São as preferidas do meu filho Vinícius que adora ouvir e ler para a irmã Beatriz!!!

A primeira história é "Os três lobinhos e o porco mau", escrita por Eugene Trivizas, em que os lobos são muito legais e o porco nos surpreende! A outra escolhida é de Chico Buarque, e considerada um dos clássicos da Literatura Infantil Brasileira, "Chapeuzinho Amarelo", nessa história uma menina consegue superar todos seus medos. A última sugestão é o "O monstro das cores", de Anna Llenas, uma divertida história sobre o monstro que aprendeu a cuidar das suas emoções e sentimentos.

BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS

CAÇA AO TESOURO

Taynara Moreira dos Santos
Professora do LDI/DED/UFV

Caça ao tesouro! Que tal esconder algum "tesouro" pela casa e, através de pistas, pedir para as crianças que o procurem? O tesouro pode ser um lanche da tarde, um brinquedo que ela goste muito, ou algum objeto. Faça pistas que deem detalhes de onde está o tesouro. Vamos usar como exemplo uma fatia de bolo. Use pistas como:

- A primeira pista está onde guardo um objeto que você usa para comer". Dentro deste lugar coloque outra pista; "Preciso de um ingrediente que fica dentro da geladeira"; "Para ficar pronto fico em um lugar bem quentinho".

Faça isso até que as pistas levem ao lugar onde está a fatia de bolo. Caso a criança não saiba ler, leia para ela e divirtam-se!



TINTA COMESTÍVEL

Rita de Cássia Silva
Professora do LDI/DED/UFV

Uma sugestão para as crianças menores é a pintura com tinta comestível. Para explorarem e construírem seus conhecimentos elas utilizarão os seus cinco sentidos.

Materiais: 1 colher de amido de milho; 1 xícara de água; corante comestível (pode ser substituído por suco de couve, cenoura, beterraba dentre outros).

Coloque em uma panela 1 xícara de água e 1 colher de sopa de amido de milho. O adulto leva a mistura ao fogo, deixe engrossar. Quando começar a aparecer o fundo da panela desligue o fogo. Coloque em uma vasilha de plástico e deixe esfriar. Coloque o corante comestível com a cor desejada. Vocês também podem deixar que as crianças escolham as cores e elas mesmas façam a mistura com a ajuda do adulto, se necessário. Agora é só pintar com o recurso que desejar. Podem usar pincel, a mãos, os pés, rolo, carrinho, colher, esponja, enfim, usar a criatividade!

Obs: Se não tiver corante alimentício podem colocar suco de cenoura, beterraba, couve dentre outros.

Fotos: Acervo dos Laboratórios.

COM A PALAVRA, AS FAMÍLIAS!

Mileny Prates
Mãe do Daniel - Sala 3 - Tarde

Temos encarado esta pandemia como um convite. Um convite para ressignificar, para valorizar, para pensar, para perceber algumas coisas que passavam despercebidas na correria da vida. Vida!! Este dom supremo!!

Ficar em casa com as crianças, olhar com calma, dar banho sem pressa, cortar as unhas e os cabelos...

Outro dia, enquanto almoçávamos, Daniel, meu filho de 3 anos e 9 meses disse que estava muito feliz porque papai e mamãe não precisavam mais sair para trabalhar. Isso mexeu tanto comigo e mais uma vez me fez pensar na nossa presença de pais na vida de nossos filhos. Sinto, neste momento, que Daniel está provido de tudo o que realmente importa para ele: o nosso amor e a nossa atenção.

Mas ao mesmo tempo percebo o quanto é rico o universo interno da criança, porque é só receber uma foto de um coleguinha da escola ou um vídeo das professoras, que um novo fogueiro interno se acende dentro do pequeno.

É tão bonito perceber as conexões afetivas que se constroem com a escola, especialmente quando numa manhã de sol, resolvemos andar de bicicleta no estacionamento do LDI. Daniel se alegrou em rever a escola mesmo fechada.

Para nossa grata surpresa, Laísa o viu do lado de fora e nos convidou para entrar e matar a saudade. Aceitamos contentes o convite. Daniel adentrou pelos corredores devagarinho, com as mãozinhas para trás, observando todos os detalhes daquele lugar que ele nem sabia estar sentindo tanta falta!

Havia muitas coisas no corredor em virtude da reforma. Ele as observou também. Mais adiante, chegamos na mágica área externa, toda pintada de colorido. Ele adorou! Correu para o balanço e pediu para eu balançar mais alto! Aproveitou! Reparou o barranco, o escorregador, a areia, a aranha que se escondeu sob ela. Depois foi visitar a sala 3 e correu para a área de brinquedo dramático, abrindo e fechando o freezer da geladeira de brinquedo e logo incorporou o mais fofo vendedor de picolés: "Olha o picoléeee!!"... tem de calabresa, de pimenta e de macarrão!! De macarrão?! Eu nunca vi picolé de macarrão... e a resposta foi aquela gargalhada mais gostosa!!

É... sinto também que a pandemia vai passar, e talvez a vida volte a se agitar. Mas para os que permitem perceber, algo está mudando... e que seja para melhor!



Foto: Daniel brincando na área externa do LDI.
Acervo da família.



CRIANÇA DIZ CADA UMA...

Convidamos você a contribuir com a coluna **Criança Diz Cada Uma**, postando as "pérolas" ditas pelas crianças no seguinte link:
<https://padlet.com/priscilaladeira/tarom73jnscnhsta>

PROJETO DIÁLOGOS

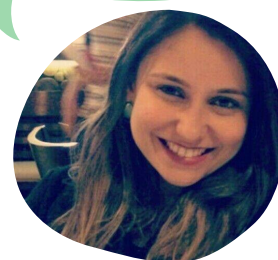
Priscila Daniele Ladeira
Coordenadora Pedagógica do LDH/DED/UFV

No dia 02/06 (terça-feira), retomamos as rodas de conversa do Projeto de Extensão "*Diálogos: instituições de Educação Infantil e famílias*". Com a pandemia da COVID-19, nossas conversas seguirão de forma virtual por meio da página do projeto no Facebook. O projeto é coordenado por Laisa Medina e Priscila Ladeira (coordenadoras pedagógicas do LDI e LDH) e, tem por objetivo dialogar com famílias, estudantes e profissionais da Educação sobre temas que atravessam a construção das infâncias e influenciam no desenvolvimento integral das crianças.

Nossa próxima conversa será dia 16/06/2020 (terça-feira), às 19h. Quem conduzirá esse diálogo será a Educadora Infantil e Mestre em Economia Doméstica, Bethania de Assis Costa Goulart. Vocês poderão acompanhar pelo seguinte endereço eletrônico: <https://www.facebook.com/projetodialogosldildh/>

Haverá emissão de certificados de participação.

O Brincar das crianças:
diálogos entre a casa e
a escola!



Educadora Infantil e Mestre em Economia Doméstica (UFV)
Técnica em Assuntos Educacionais da UFV

EXPEDIENTE DO JORNAL FALANDO DE CRIANÇA

Este jornal é uma publicação editada sob a responsabilidade do Departamento de Economia Doméstica – DED da UFV. Chefe do DED: Márcia Onísia da Silva. Coordenadora Geral do LDI e LDH: Maria de Lourdes Mattos Barreto. Responsáveis pela Edição: Sarah Menezes Rocha e Priscila Daniele Ladeira. Fotografias: arquivo do LDI e LDH e das famílias. Montagem e Arte Final: Sarah Menezes Rocha e Priscila Daniele Ladeira. Revisão: Priscila Daniele Ladeira e Laisa Medina Silva. Produção Digital: Sarah Menezes. Endereço: Laboratório de Desenvolvimento Humano, Campus Universitário – UFV, 36571-000, Viçosa, MG – Acesse nossa publicação online no site: <http://www.ldildh.ufv.br/>